

NOVOS DADOS SOBRE O MEGALITISMO FUNERÁRIO DO CONCELHO DE AVIS

Ana Cristina RIBEIRO¹

SUMMARY

The first written references to the megalithic monuments of Avis date from the 19th century. The dolmens were the preferential object of research by scientists, as well as amateurs which promoted occasional digs and studies, in the majority of the cases with unknown results.

This incomplete view of research was altered during the 1950's, when the first systematic survey of the megalithic monuments was done in the region. But it was only in 2005 that a full research project was implemented, through the Carta Arqueológica de Avis which was officially promoted by municipal government.

The panorama for the megalithic phenomenon in Avis was, in large part, circumscribed to the data published in 1959, showing gaps with respect to the distribution and the typology of megalithic monuments recorded, revealing in some cases outdated data.

Therefore the first step in this new research project was to review the old data, identify the known sites and, while at the same time, define a basis for a new research strategy, namely identifying new areas of archaeological interest in the region. Up to this point the new research, which is still in progress, has altered the view previously held about the megalithic complexes of this region. To date there are 163 sites mapped and registered, the majority of which are burials, 66 in total and of these 22 were previously unknown sites.

The sites that have been registered correspond to a small and medium size monuments, 10 of these have been destroyed, remaining in place, part of braces, fractured and/or displaced and, in some cases, traces of what was the tomb structure. There was a significant increase of monuments constructed in schist, usually related with the areas where the megaliths were scarce or absent.

In terms of the architecture, the assemblages integrate monuments of average size, in some cases with passage way, and small monuments without passage way. The entrance is oriented facing east, similar to the known monuments, with slight variations. Most of the monuments which have been mapped are not well preserved but there are some in good condition.

The monuments are generally located close to each other, forming, in some cases, a perfectly individualized necropolis. The isolated monuments appear in smaller number and usually near to a necropolis.

The location of these megalithic complexes takes into consideration various factors but the proximity to water seems to be the most important. The two main rivers, Ribeira Grande and Ribeira da Seda, are an influence on

the spatial distribution of monuments so are the smaller subsidiary streams.

Regardless of the location of the monuments - at the top, in part or in low zone - there is a clear preference for reference points in the landscape, a situation that gave them a good visibility making them an important point of observation on the landscape.

Close proximity to raw material for building dolmens is also a factor in the location of the sites. There seems to be a clear relation between the monuments, the surrounding geology and raw material sources such as granite or schist.

The relationship between the megalithic monuments and the residential contexts will be certainly, one more factor in the distribution of funerary structures. However, such association is difficult to establish, given that the type of the data associated with traces of habitat is still poorly defined.

It is difficult to establish a clear spatial relationship with the other prehistoric sites registered, but it seems already evident a territorial proximity to the megalithic monuments.

The low representation of menhirs makes it impossible at the moment for any interpretation. With regard to the rock art, the examples identified correspond exclusively to a few cup marks engraved on rock out crops which do not permit a functional or chronological interpretation and this is an obstacle to the effective definition of spatial relationship with the other sites.

Despite all these obstacles, there seems to be a clear relationship between these engraved motives and the others prehistoric sites, which may be an indicator of contemporaneity between these realities, which tend to extend to later periods.

Keywords: Avis, megalithic, burials, menhirs

1. Apresentação

As referências publicadas aos monumentos megalíticos do concelho de Avis remontam ao final do século XIX². As antas constituíram o objecto preferencial das intervenções na região desde então, suscitando não só o interesse de eruditos e investigadores, mas também de curiosos que promoveram intervenções esporádicas, na maioria dos casos com resultados desconhecidos.

A visão fraccionada e incompleta que decorre desses trabalhos foi parcialmente colmatada, no final da década de 50 do século XX, pela primeira sistematização do fenómeno megalítico neste território³, a qual permaneceu praticamente inalterável até 2005, altura em que foi iniciada a Carta Arqueológica de Avis, projecto de investigação promovido pelo Município de Avis⁴.

O panorama para o megalitismo em Avis encontrava-se, em grande parte, circunscrito aos dados publicados em

¹ Arqueóloga. Centro de Arqueologia de Avis, Município de Avis. arqueologia@cm-avis.pt.

² SILVA, 1895; *Idem*, 1985a; *idem*, 1896.

³ LEISNER, 1959.

⁴ RIBEIRO, 2008.

1959⁵, evidenciando lacunas relativamente à distribuição e à tipologia dos monumentos megalíticos registados, revelando, em alguns casos, dados desactualizados.

O quadro de referência existente no início da Carta Arqueológica impunha, por isso, uma revisão da informação, com a realocação dos sítios já conhecidos, criando-se, simultaneamente, as bases para a definição de estratégias orientadas para a identificação de novos locais de interesse arqueológico.

Os resultados parciais do projecto, que ainda se encontra a decorrer, têm contribuído para a alteração da visão do megalitismo na região. Dos sítios registados até ao momento, num total de 163, o número mais significativo corresponde a monumentos megalíticos de cariz funerário, com 66 ocorrências confirmadas no terreno, das quais 22 eram, até então, desconhecidas.

O contributo desses trabalhos é apresentado numa síntese preliminar onde se expõem os novos dados relativos ao megalitismo funerário do concelho de Avis e ao seu respectivo enquadramento arqueológico, associado, na sua quase totalidade, a sítios inéditos.

2. O espaço

Avis situa-se no Alto Alentejo, no distrito de Portalegre, e tem como zonas limítrofes os concelhos de Ponte de Sor, a Norte e Oeste, Alter do Chão, a Norte e a Este, Fronteira e Sousel, a Oeste e Sudeste, e Mora, a Sudoeste.

Com uma área de 606 km², distribuem-se pelo concelho as oito freguesias que o constituem: Alcórrego, Aldeia Velha, Avis, Benavila, Ervedal, Figueira e Barros, Maranhão e Valongo. O território encontra-se fortemente marcado pela albufeira da barragem de Maranhão, abrangendo ainda, no limite oeste do concelho, parte da albufeira da barragem de Montargil.

A área em estudo situa-se numa zona de transição entre o limite oriental da Bacia do Baixo Tejo, onde predominam os sedimentos terciários e quaternários, mais evidentes na faixa Oeste do concelho, e o Maciço Antigo, associado a formações pré-câmbrias e paleozóicas constituídas por xistos, grauvaques, quartzitos, conglomerados e rochas carbonatadas.

O concelho apresenta um relevo fraco, que varia entre os 60 e os 240m, caracterizando-se por uma planura, de relevo ondulado suave a muito suave, marcado, em particular nas zonas de Aldeia Velha, Avis e Maranhão, por manchas destacadas de xistos.

As rochas granitoides surgem, na sua maioria, na zona nascente do concelho, enquanto na zona sudeste predominam os calcários e os calcretos.

As principais unidades pedológicas identificadas no concelho correspondem a solos mediterrâneos pardos e

vermelhos ou amarelos e solo litólicos não húmidos, registando-se também, em manchas mais dispersas, os solos podzolizados e litosolos.

Todo o território encontra-se bem irrigado, sendo recortado por cursos de água que se encontram associados à margem esquerda da Bacia do Tejo, de onde se destacam a bacia hidrográfica da ribeira de Seda e os seus principais subsidiários: ribeiras Grande, Sarrazola, Enxara, Almadafe e Alcórrego. Na extremidade poente do concelho encontra-se a ribeira de Santa Margarida, linha de água associada à bacia hidrográfica da ribeira de Sor.

3. A Carta Arqueológica de Avis e uma breve leitura dos monumentos megalíticos do concelho

A diversidade natural que caracteriza o território que hoje corresponde ao concelho de Avis constituiu, desde os tempos mais recuados, um atractivo para a fixação humana.

De forma a criar uma visão global e integrada dos testemunhos deixados ao longo do tempo pelas diversas comunidades que ocuparam a região, foi iniciada, em 2005, a Carta Arqueológica de Avis, através da qual se pretende realizar o levantamento do património arqueológico do concelho e a sistematização dos dados reunidos, abarcando um amplo espectro cronológico, em detrimento de uma época preferencial de estudo.

Os elementos reunidos no decurso da primeira fase do projecto, realizada entre 2005 e 2009, permitiram, por um lado, realocar um conjunto de sítios referenciados na bibliografia e em trabalhos mais antigos, e por outro, identificar novos sítios arqueológicos, desde a Pré-História até períodos mais recentes da História.

O início dos trabalhos foi marcado pela insuficiência de referências ao património arqueológico do concelho, a qual contrasta com a diversidade de locais de interesse.

Se uma parte dos sítios é hoje conhecida, tal facto deve-se, sem dúvida, aos trabalhos desenvolvidos, pelo menos desde o final do século XIX, os quais permitiram, apesar de realizados com objectivos e metodologias bem diversificados, reunir um conjunto de elementos fundamentais para a caracterização arqueológica da região.

Porém, a documentação associada a esses trabalhos é em número claramente reduzido e insuficiente, em muitos casos, para retratar as realidades citadas. Atendendo a que muitas das intervenções foram realizadas de forma esporádica, os dados associados caracterizam-se, em alguns dos casos, pela imprecisão na localização dos sítios, pela utilização de mapas esquemáticos e pouco claros, pelas referências vagas a vestígios, pela ausência de elementos descritivos ou cartográficos dos locais registados, entre outros aspectos que dificultaram a

⁵ LEISNER, 1959.

interpretação das referências e a sua respectiva identificação no terreno.

Por conseguinte, impunha-se a revisão dos dados existentes, desenvolvendo-se simultaneamente estratégias orientadas para a identificação de novos sítios. Os trabalhos realizados de forma continuada contribuíram para a alteração do quadro de referência conhecido para o concelho, dando início à sistematização da informação reunida e criando uma visão integrada dos vestígios arqueológicos.

Deste modo, o conhecimento adquirido em relação ao território e às diversas fases de ocupação identificadas foi determinante, não só para o início do inventário de património arqueológico, garantido através da documentação produzida, mas para a caracterização, ainda que sumária atendendo à amplitude cronológica dos vestígios registados, da riqueza e diversidade de formas de ocupação do território, perceptíveis a partir dos dados de prospecção e da análise paisagística.

Os resultados então obtidos só poderiam adquirir expressão numa perspectiva de continuidade. Nesse sentido, considerou-se como imprescindível a continuação do projecto, o qual foi retomado em 2011, confirmando-se a multiplicidade de locais de interesse arqueológico.

O projecto conta já com 4 campanhas concretizadas, a partir das quais foi possível documentar 163 ocorrências, correspondentes a sítios conhecidos e relocizados⁶ e a sítios inéditos, estes últimos perfazendo um total de 94 registos do total da amostra reunida.

Do conjunto de ocorrências registadas, o elemento mais representativo encontra-se associado ao megalitismo de cariz funerário, perfazendo, neste momento, 66 registos do inventário realizado, dos quais 22 se encontravam inéditos.

As antas foram o objecto preferencial das intervenções arqueológicas na região desde o final do século XIX, mas é só no final da década de 50 que se realiza o primeiro levantamento destes monumentos, registando-se 63 antas⁷, das quais 43 foram já relocizadas no âmbito da Carta Arqueológica.

Para os monumentos referidos na bibliografia mas não relocizados, num total de 20 ocorrências, permanece por confirmar o seu desaparecimento efectivo, assim como o seu local original de implantação. A imprecisão cartográfica associada aos levantamentos mais antigos e a densa vegetação que caracteriza algumas das zonas prospectadas impossibilitaram a identificação dos restantes monumentos.

Para este facto contribuiu ainda o desaparecimento de alguns exemplares, na sequência da actividade agrícola e florestal ou para aproveitamento de pedra, desconhecendo-se, em muitos casos, o seu local de implantação.

No decurso dos trabalhos foi confirmada a destruição de 5 monumentos, cuja memória prevalece associada a escassos vestígios que persistem no local ou dispersos na envolvente imediata.

De um modo geral, o conjunto de monumentos relocizados caracteriza-se pelo predomínio de estruturas construídas em granito, com câmara de média e grande dimensão, à qual se encontra geralmente associado um corredor, médio ou longo.

Os monumentos de pequena dimensão, sem corredor ou com corredor curto, são em número claramente inferior. As ocorrências de exemplares construídos em xisto são igualmente diminutas.

A maioria dos monumentos encontra-se concentrada na zona oriental do concelho, correspondente às freguesias de Ervedal e Figueira e Barros e onde se verifica a maior mancha de granitos do concelho. Geralmente surgem associados em necrópoles, sendo mais raros os casos em que se encontram isolados, embora sempre nas imediações das necrópoles.

Para a restante área do concelho verificam-se algumas ocorrências, geralmente isoladas, com excepção dos núcleos da Cumeada, em Benavila, e da Ordem, na zona sul do concelho⁸. Relacionadas com este último conjunto encontram-se as antas 1 e 2 da Figueirinha⁹.

Na generalidade, os monumentos surgem implantados próximo de linhas de água, em terrenos com escassos afloramentos graníticos ou nos limites dos mesmos.

As estruturas internas são os elementos que mais se conservam. A maioria dos monumentos surge desprovido de *tumulus*, restando, na maior parte dos casos, vestígios, mais ou menos evidentes, do que seria a sua estrutura original.

Desconhece-se, ao certo, a riqueza material que muitos destes monumentos albergavam. A sua dimensão poderá ser um indício de um número considerável de deposições, as quais seriam acompanhadas por diversos objectos, que motivaram, desde cedo, inúmeras acções de saque e violação. Uma ínfima parte do que seria o espólio destes monumentos é conhecida através das recolhas efectuadas por alguns investigadores e eruditos que documentaram ou publicaram, de forma mais ou menos exaustiva, o resultado do seu trabalho¹⁰.

⁶ Os locais referidos na bibliografia ou em trabalhos antigos que não foram confirmados no terreno não se encontram incluídos neste inventário.

⁷ LEISNER, 1959.

⁸ *Idem*, 1959, 12-17 e 68-74.

⁹ CORREIA, 1921; LEISNER, 1959, 75-76; ROCHA, 1999, n.º 37-38.

¹⁰ SILVA, 1895 e 1896; VASCONCELOS, 1912; CORREIA, 1921; LEISNER, 1959.

Para além das referências publicadas, salientam-se ainda as recolhas efectuadas pelo Grupo de Trabalho e Acção Cultural Ervedalense - Secção de Arqueologia (GTACE), na década de 70 do século XX¹¹.

As acções do GTACE incluíram a escavação e prospecção em alguns sítios arqueológicos, localizados sobretudo na freguesia de Ervedal, as quais possibilitaram, apesar de não corresponderem às metodologias e práticas mais adequadas, reunir um conjunto de materiais arqueológicos que constituem hoje parte significativa da colecção de Arqueologia da Fundação Arquivo Paes Teles¹².

As intervenções desenvolvidas estavam orientadas, sobretudo, para os monumentos megalíticos de cariz funerário, com particular destaque para a Anta do Olival da Anta¹³, escavada de forma intensiva. O conjunto artefactual então recolhido integra diversos artefactos em pedra polida, cerâmica manual e material osteológico, provenientes, sobretudo, da referida anta¹⁴.

De um modo geral, esta era, até 2005, a visão do megalitismo no concelho de Avis. Com o início da Carta Arqueológica este panorama tende a alterar-se na sequência da actualização dos dados e da identificação de novos monumentos megalíticos¹⁵.

4. Megalitismo funerário do concelho de Avis. Novos dados

Os trabalhos da Carta Arqueológica confirmaram a diversidade das expressões megalíticas no concelho de Avis, contribuindo, de forma determinante para a alteração do quadro de referências existente.

Os novos monumentos registados, num total de 22 exemplares, correspondem a antas de pequena e média dimensão, dos quais 10 apresentam-se destruídos, permanecendo no local, parte dos esteios, fracturados e/ou deslocados e, em alguns casos, vestígios muito residuais do que terá sido a estrutura tumular.

Verificou-se um aumento significativo dos exemplares construídos em xisto, geralmente associados a áreas onde os vestígios megalíticos eram escassos ou mesmo nulos.

Ao nível arquitectónico, o conjunto integra monumentos de dimensão média, em alguns casos com corredor, e monumentos pequenos, sem corredor. A entrada dos exemplares identificados encontra-se, à semelhança dos monumentos conhecidos, orientada para nascente, registando-se, no entanto, ligeiras variações.

Embora a maioria dos exemplares identificados esteja em mau estado de conservação, salienta-se a ocorrência de alguns casos bem preservados.

Os monumentos localizam-se, de um modo geral, próximo uns dos outros, formando, em alguns casos, necrópoles perfeitamente individualizadas.

Os exemplares isolados surgem em número mais reduzido e geralmente nas imediações das necrópoles, facto que tem vindo a tornar-se cada vez mais evidente.

A selecção do local de implantação decorre da articulação de factores de natureza diversa, onde a proximidade aos cursos de água parece constituir o elemento dominante. De facto, as ribeiras Grande e de Seda desempenham um papel determinante na distribuição destas realidades, não só ao longo das suas margens, mas também nos cursos de água subsidiários a elas associados.

A integração destes monumentos na paisagem decorre, à semelhança do que já havia sido verificado para os monumentos relocados, da conjugação de outros factores, para além da proximidade da água.

A maioria dos monumentos registados surge em áreas de topo, pouco elevadas, e em vales com boas condições de visibilidade, situação que lhes conferia uma importante demarcação em termos paisagísticos.

De facto, e independentemente da localização dos monumentos, no topo, em vertente ou em zona baixa, verifica-se uma clara preferência por pontos de referência na paisagem, situação que lhes conferia uma boa visibilidade, tornando-os num importante ponto de destaque no território.

A proximidade a fontes de matéria-prima empregue na construção das antas parece ser também um elemento a considerar na escolha do local de implantação. Com efeito, torna-se cada vez mais claro, não obstante a ausência de estudos detalhados nesse sentido, a associação dos monumentos com a geologia envolvente, aplicável, não só aos contextos onde predominam os granitos, mas também para os casos em que o xisto é o material escolhido para a construção dos monumentos.

Para um melhor enquadramento das realidades identificadas, apresenta-se, em seguida, uma síntese descritiva dos monumentos registados até ao momento:

¹¹ *Diário do GTACE*. Espólio Documental da Fundação Arquivo Paes Teles.

¹² RIBEIRO, 2010, p. 44.

¹³ Corresponde ao monumento Torre de Ervedal 3. LEISNER, 1959, 21.

¹⁴ Inventário da colecção de Materiais Arqueológicos da Fundação Arquivo Paes Teles.

¹⁵ RIBEIRO, 2008.

QUADRO 1

Síntese dos monumentos identificados identificadas no decurso da Carta Arqueológica de Avis

Ref. ^a	Designação	CAMP	CMP	Tipo	Material	Estado de conservação
1	<i>Courela da Anta</i>	01/2005	381	Anta	Xisto	Destruído
2	<i>Enxara 1</i>	01/2005	369	Anta com corredor	Granito	Danificado
3	<i>Enxara 2</i>	01/2005	369	Anta com corredor	Granito	Destruído
4	<i>Enxara 3</i>	01/2005	369	Anta sem corredor	Granito	Destruído
5	<i>Goiã 1</i>	01/2005	369	Anta com corredor	Granito	Danificado
6	<i>Cavalos 1</i>	02/2007	383	Anta sem corredor	Granito	Danificado
7	<i>Monte do Pinheiro</i>	02/2007	382	Anta (?)	Granito	Destruído
8	<i>Morenos 1</i>	01/2005	381	Anta sem corredor	Xisto	Em perigo
9	<i>Morenos 2</i>	03/2011	381	Anta	Xisto	Destruído
10	<i>Morenos 3</i>	03/2011	381	Anta sem corredor	Xisto	Danificada
11	<i>Terrosa 2</i>	03/2011	397	Anta sem corredor/ <i>tumulus</i>	Granito	Regular
12	<i>Terrosa 3</i>	03/2011	397	<i>Tumulus</i>	Granito	Regular
13	<i>Monte Ruivo 2</i>	01/2005	395	Anta	Xisto	Destruído
14	<i>Monte Ruivo 3</i>	03/2011	395	Anta com corredor	Xisto	Danificada
15	<i>Monte Ruivo 5</i>	03/2011	395	Anta	Xisto	Destruída
16	<i>Paço Branco 6</i>	03/2011	397	Cista	Granito	Regular
17	<i>Torrejana 1</i>	04/2012	369	Anta	Granito	Destruído
18	<i>Torrejana 4</i>	04/2012	369	Anta	Granito	Indeterminado
19	<i>Retorta 1</i>	04/2012	382	Anta	Granito	Destruído
20	<i>Retorta 2</i>	04/2012	382	Anta	Granito	Destruído
21	<i>Rui Vaz 2</i>	04/2012	382	Anta com corredor	Xisto	Regular
22	<i>Rui Vaz 3</i>	04/2012	382	Anta sem corredor	Xisto	Danificada

O conjunto megalítico dos Morenos¹⁶ é constituído por três monumentos implantados na margem direita da Ribeira da Santa Margarida, actualmente integrada na albufeira da barragem Montargil. As antas surgem em terrenos adjacentes à linha de água, predominantemente de classe D, constituídos por depósitos fluviais quaternários, de areias e cascalheiras, e por terrenos onde predominam areias, arenitos e argilitos associados às formações de Alcoentre e Tomar.

Os monumentos encontram-se numa zona plana, associada a cotas que variam entre 90 e 80 m e que se desenvolve a partir da linha de elevações, associada ao Maciço Antigo, onde predomina o xisto.

De dimensão média e sem corredor, as antas dos Morenos encontram-se distribuídas ao longo da margem da ribeira, definindo um alinhamento paralelo à linha de água. O material selecionado para a sua edificação foi o xisto, o qual ocorre com abundância na envolvente. Os monumentos evidenciam uma relação espacial de proximidade, com uma distância máxima, determinada entre as antas 1 e 3, de cerca de 370 m.

A anta Morenos 1 conserva, *in situ*, 5 esteios da câmara, incluindo o esteio de cabeceira, e a tampa, que se encontra apoiada na árvore que cresceu no interior do monumento. A câmara apresenta cerca de 380 cm de diâmetro longitudinal e 337 cm de diâmetro transversal. São ainda visíveis 3 fragmentos de xisto deslocados que devem pertencer aos esteios em falta. Um desses fragmentos encontra-se encostado ao monumento. O interior da câmara apresenta claros indícios de violação. Não são visíveis vestígios do *tumulus*.

Para o monumento 2 a informação é escassa. Destruído na sequência de trabalhos agrícolas, persistem no local, no meio da vegetação, os vestígios dos esteios, claramente deslocados, e que indiciam, pela sua tipologia, características arquitectónicas idênticas às antas 1 e 3.

A anta 3 conserva a câmara, com cerca de 280 cm de diâmetro transversal e 300 cm de diâmetro longitudinal, definida por sete esteios em xisto, dois dos quais se encontram fracturados. A tampa encontra-se *in situ*, mas tombada sobre os esteios da câmara. O *tumulus* encontra-se profundamente danificado, com vestígios visíveis junto à estrutura pétreo. No exterior do monumento encontra-se um fragmento de esteio. A câmara foi totalmente escavada.

¹⁶ A Herdade dos Morenos integra a listagem de sítios arqueológicos representados no Museu Nacional de Arqueologia (2266). No entanto, a ausência de informação associada ao topónimo impede, neste momento, a sua relação com o conjunto megalítico dos Morenos.

Na margem esquerda da ribeira encontra-se, a montante desta necrópole, a Anta Courela da Anta¹⁷, monumento destruído por máquinas agrícolas e do qual persistem apenas três fragmentos dos esteios em xisto. Provavelmente integrava-se no padrão arquitectónico identificado para o conjunto dos Morenos atendendo às características dos vestígios que persistem no local. Este monumento, localizado num ponto de topo e com relativa visibilidade, encontra-se isolado.

Na zona norte do concelho, associado à bacia hidrográfica da Ribeira de Seda, foi identificada a necrópole megalítica da Enxara, constituída por 3 monumentos em granito, de dimensão média, localizados na margem esquerda da ribeira com a mesma designação.

Da anta 1 conserva-se a câmara e parte do corredor. A tampa encontra-se deslocada para o interior, o qual se apresenta coberto por densa vegetação. A estrutura tumular é evidente na zona junto aos esteios, dos quais um apresenta uma covinha gravada.

O monumento 2 surge implantado numa zona baixa, junto à ribeira e encontra-se muito danificado. Da câmara persistem apenas 4 esteios, deslocados para o interior, que integra ainda a tampa. Já no exterior do que seria a câmara encontra-se um outro esteio que poderá evidenciar a existência de um corredor. O *tumulus* foi totalmente destruído.

A anta 3 localiza-se numa zona sobranceira à Ribeira da Enxara, próximo da zona de confluência com um seu afluente, o Ribeiro do Rascão. Contrariamente aos restantes monumentos que constituem esta necrópole, a anta 3 localiza-se num ponto alto, com boa visibilidade, sobretudo sobre a linha de água.

Conservam-se no local 3 esteios da câmara, claramente deslocados, e a tampa, tombada para o exterior. A estes elementos juntam-se mais dois fragmentos de esteio. Não existem evidências que apontem para a existência de corredor. A tampa apresenta um vasto conjunto de covinhas, constituído por mais de uma centena de gravações.

Ainda na zona de Valongo, foi identificada a anta Goiã 1, implantada na margem esquerda do Ribeiro da Goiã, a montante da zona de confluência com a Ribeira de Seda, e que corresponde a um monumento isolado, em granito e dimensão média, do qual se conserva a câmara e parte do corredor. Da câmara persistem 6 esteios *in situ*, definindo uma planta poligonal, com cerca de 320 cm de diâmetro longitudinal e 418 cm de diâmetro transversal. O esteio de cabeceira encontra-se *in situ*, apesar de fracturado.

¹⁷ Este monumento, à semelhança do que se verificou para a anta Monte Ruivo 2, encontrava-se associado a uma referência cartográfica nas Cartas de Condicionantes e de Ordenamento do Plano Director Municipal de Avis, sem identificação do tipo ou características do sítio assinalado. As prospecções no âmbito da Carta Arqueológica vieram confirmar a correspondência destes pontos com monumentos megalíticos.

A tampa, semienterrada, encontra-se deslocada no interior da câmara e evidencia, na face exterior, um painel gravado constituído, de acordo com a superfície visível, por 39 covinhas. O corredor encontra-se definido por 6 esteios *in situ*, 3 de cada lado, e um fragmento na entrada, o qual poderá corresponder a uma tampa deslocada.

Na envolvente à anta encontram-se diversos fragmentos de granito, assim como blocos de quartzo de grande dimensão, os quais poderão estar associados à estrutura tumular, da qual se conservam apenas vestígios residuais localizados juntos aos esteios.

Mais a sul, na zona de Benavila, foram identificados dois monumentos megalíticos, correspondentes às antas Torrejana 1 e 4, implantados na margem esquerda do Ribeiro do Terrujo.

A anta Torrejana 1 conserva apenas os vestígios fracturados dos esteios em granito, num total de 13 fragmentos, dos quais apenas 1 se conserva *in situ*. Apesar de tombado parece corresponder, de acordo com a sua orientação, ao esteio de cabeceira. Alguns dos esteios evidenciam marcas de entalhe, as quais são um reflexo do aproveitamento posterior de pedras associadas a este tipo de monumentos. Não existem indícios da estrutura tumular.

No que diz respeito à anta Torrejana 4, não é possível, de momento, apresentar a sua descrição, uma vez que o proprietário da herdade onde se localiza este exemplar não permitiu a permanência da equipa de arqueologia no local, facto que condicionou a conclusão dos respectivos registos. Desconhecem-se as razões que estão na origem de tal decisão, mas espera-se que em breve seja possível regressar ao local e completar o levantamento.

Na margem esquerda da Ribeira de Sarrazola encontra-se um conjunto de elementos pétreos interpretado, com as devidas reservas, como vestígios de um monumento megalítico. A sua avaliação foi dificultada pela densa vegetação que cobre toda a área. Os vestígios, designados por Monte do Pinheiro, correspondem a 9 blocos de granito, geologicamente descontextualizados, localizados num local de destaque e com visibilidade sobre a ribeira.

A jusante, no mesmo curso de água e próximo da confluência com a Ribeira de Seda, foram identificados os monumentos Retorta 1 e Retorta 2. Estes dois exemplares encontram-se destruídos, mas, pela dimensão dos vestígios conservados, as antas corresponderiam a monumento de dimensão média, construídos em granito.

Da anta 1 persistem 12 fragmentos de granito, dos quais 4 correspondem a esteios, 1 à tampa, sendo os restantes fragmentos dos esteios em falta. A estes elementos encontram-se associados diversos seixos de quartzito e quartzo de calibre diverso, numa concentração que contrasta com a envolvente. Embora a totalidade dos elementos associados a este monumento sejam em granito, verifica-se uma diferenciação ao nível da matéria-prima, com a utilização de granito de grão muito fino.

A anta surge implantada na margem esquerda da Ribeira de Sarrazola, muito próximo do que seria a linha de água original, numa zona que, embora baixa, se caracteriza pelo domínio visual sobre a ribeira, situando-se nas imediações da zona de confluência do Ribeiro das Malhadas com a referida linha de água e onde se encontra a anta Horta da Palha¹⁸.

A anta Retorta 2, localizada a montante, está implantada na margem direita do Ribeiro do Terrujo, próximo da sua confluência com a Ribeira de Sarrazola. Deste monumento conservam-se 12 fragmentos dos esteios, 7 dos quais semi-enterrados, encontrando-se os restantes aparentemente *in situ*. Na sua envolvente imediata são ainda visíveis 8 fragmentos de dimensão mais reduzida que poderão estar associados à estrutura original. Não existe qualquer evidência da estrutura tumular.

Os monumentos da Retorta encontram-se submersos, tendo sido possível a sua identificação devido à descida acentuada do nível de água da albufeira do Maranhão em 2012.

Na zona de Avis foram identificados, também na sequência da descida do nível de água da albufeira, os monumentos Rui Vaz 2 e Rui Vaz 3. Localizados na margem direita da Ribeira de Seda, estes exemplares estão associados às antas Rui Vaz 1, Colos 1 e 2 e Amarelos¹⁹, situadas na envolvente. Apesar da proximidade, estas duas antas não se encontram incluídas no levantamento de 1959, provavelmente porque já se encontravam submersas pela albufeira da barragem de Maranhão²⁰.

Apesar de se encontrar permanentemente submersa, a anta Rui Vaz 2 apresenta-se num estado de conservação razoável. Corresponde a um monumento construído em xisto, de dimensão média, com corredor e câmara poligonal, da qual persistem, *in situ*, 6 esteios, incluindo o esteio de cabeceira. A câmara tem cerca de 415 cm de diâmetro longitudinal e 372 de diâmetro transversal. A tampa encontra-se deslocada no interior da câmara.

Do corredor, com cerca de 253cm de comprimento conservado, persistem *in situ* 5 esteios. Nas imediações do monumento encontram-se 4 fragmentos que poderão corresponder a uma das tampas do corredor. Apesar de coberto por sedimentos, foi possível identificar 5 covinhas gravadas na face externa da tampa. Os vestígios do *tumulus* são muito residuais, associando-se à zona

junto à estrutura pétreo, mas sendo praticamente imperceptíveis. Junto ao monumento foi recolhida uma enxó.

A anta Rui Vaz 3 corresponde a um monumento de dimensão média, em xisto e sem corredor. A câmara, definida por 6 esteios *in situ*, incluindo o esteio de cabeceira, apresenta um diâmetro longitudinal de cerca de 398 cm e transversal de 412 cm. São ainda visíveis 3 esteios deslocados. O esteio que se encontra do lado direito da entrada do monumento apresenta, segundo a leitura possível, 56 covinhas gravadas, concentradas numa área com cerca de 75 x 75 cm. Junto ao monumento foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica manual e um fragmento que poderá corresponder a um peso de tear tipo placa.

Em torno da anta é visível um anel pétreo em xisto, de planta circular, com cerca de 875 x 930 cm de raio em relação ao monumento, o qual poderá corresponder, com as devidas reservas, a parte do anel de sustentação da mamoa.

Na área mais a sul, na envolvente à Ribeira de Almadafe, foram identificados 3 monumentos megalíticos, correspondentes às antas Monte Ruivo 2, 3 e 5. Os monumentos são construídos em xisto e encontram-se associados a uma linha de água secundária que desemboca na referida ribeira.

Da anta Monte Ruivo 3 conserva-se parte da câmara e do corredor e encontra-se implantada no topo de uma pequena elevação, na margem direita da linha de água que atravessa esta zona. A paisagem envolvente caracteriza-se pela ondulação suave, sendo evidentes, pontualmente, alguns elementos destacados na paisagem. A nível geológico o monumento insere-se num contexto de xisto e grauaque, associado à Formação de Ossa.

O monumento conserva a câmara e parte do corredor. A câmara apresenta 4 esteios *in situ*, incluindo o esteio de cabeceira. O corredor, curto, apresenta apenas 1 esteio do lado direito e 2 do lado esquerdo, sendo ainda evidente uma tampa deslocada sobre um dos esteios do lado direito. O *tumulus* é apenas parcial, sendo mais evidente junto à estrutura interna do monumento.

A caracterização do monumento Monte Ruivo 5 torna-se impraticável, em virtude da sua destruição. Implantada numa zona aplanada integrada numa paisagem de ondulado suave, a anta foi profundamente afectada pelos trabalhos agrícolas aí desenvolvidos, conservando apenas vestígios residuais do que terá sido a mamoa e fragmentos de xisto que terão pertencido aos esteios e que se encontram claramente descontextualizados.

Dos fragmentos que persistem no local, num total de 13, 2 são em granito. Estes elementos encontram-se amontoados juntamente com terras, movimentadas da mamoa, a qual evidencia uma depressão resultante da remoção de terra.

¹⁸ Também designada por Anta de Benavila, LEISNER, 1959, n.º 10.

¹⁹ *Idem*, 1959, n.º 5, 7-9.

²⁰ As antas de Rui Vaz são genericamente mencionadas por Leite de Vasconcelos em 1914, não existindo, no entanto, qualquer indicação relativa ao número ou tipologia de monumentos: "(...) Explorei algumas antas na herdade de Ruivaz. Foi o sr. Pais que m'as indicou, e êle próprio me acompanhou lá. Colhemos artefactos de pedra e louça." (VASCONCELOS, 1914, p. 397). O topónimo não consta da listagem de sítios arqueológicos representados no Museu Nacional de Arqueologia, nem na documentação do Arquivo pessoal de José Leite de Vasconcelos.

Apesar de se localizar nas imediações da anta Monte Ruivo 3, a cerca de 730m a Sudoeste, integra-se num contexto geológico distinto, associados a granitos e granodioritos, embora sem expressão à superfície.

Um pouco mais distante encontrava-se a anta Monte Ruivo 2, monumento totalmente destruído por trabalhos florestais. Do monumento persistem vestígios residuais do que terão sido os esteios em xisto.

Na extremidade oriental do concelho, num contexto associado à bacia hidrográfica da Ribeira Grande, foram identificados, os monumentos Terrosa 2, Terrosa 3 e Paço Branco 6, associados a uma área dominada por granitos porfiróides, em terrenos de classe C e numa área caracterizada por uma ondulação suave, pontuada frequentemente por afloramentos rochosos de grande dimensão.

É neste contexto que se localiza uma das mais importantes concentrações de monumentos megalíticos do concelho de Avis, de onde se destacam, para além dos monumentos isolados, as necrópoles megalíticas de São Martinho, Paço Branco e Lameira²¹.

Integrada nesta paisagem megalítica encontra-se a anta Terrosa 2, correspondente a um monumento de pequena dimensão, sem corredor, de câmara alongada, totalmente construída em granito. A câmara encontra-se definida por 8 esteios *in situ* e apresenta cerca de 330 cm de diâmetro longitudinal e 170 cm de diâmetro transversal. A tampa encontra-se deslocada. O interior do monumento foi utilizado para despejo de pedras resultantes da limpeza do terreno envolvente. Aparentemente o monumento não foi escavado.

A anta encontra-se bem demarcada na paisagem, conservando a quase totalidade da sua estrutura tumular, com um diâmetro máximo de aproximadamente 1720 cm.

A cerca de 100m a Sudoeste encontra-se o monumento Terrosa 3, do qual se conserva a quase totalidade da estrutura tumular e onde são visíveis, no topo, os esteios, em granito, de pequena dimensão. O monumento parece corresponder a uma cista, de planta rectilínea, com 186 cm de comprimento e 120 cm de largura. Persistem no local, semi-enterrados 8 elementos pétreos de reduzida dimensão.

A tampa encontra-se deslocada e são visíveis vários elementos pétreos de calibre reduzido dispersos pelo *tumulus*, o qual se apresenta bem visível e demarcado, com um diâmetro conservado de cerca de 1330 cm. Aparentemente não apresenta vestígios de escavação ou violação.

Os dois monumentos da Terrosa encontram-se associados a um outro, Terrosa 1²², definindo um núcleo megalítico constituído por exemplares de pequena dimensão, associados à margem direita da Ribeira do Paço Branco.

Nas imediações do conjunto da Terrosa foram ainda identificadas duas ocorrências que suscitaram dúvidas quanto à sua classificação, pelo que não foram incluídos no presente levantamento. A confirmar tratem-se de monumentos megalíticos, aumentam assim o número de sepulcros associados ao conjunto da Terrosa o qual, a par das restantes necrópoles identificadas nesta zona do concelho, vem reforçar as características particulares desta área geográfica no estudo do megalitismo local.

Na margem oposta da Ribeira do Paço Branco foi identificado um outro monumento, Paço Branco 6, associado à necrópole megalítica do Paço Branco mas que não se encontra referenciado no levantamento de 1959.

Corresponde a uma cista de planta rectangular, com cerca de 196 cm de comprimento e cerca de 86 cm de largura. Conserva *in situ* 5 dos 6 elementos pétreos que definiam originalmente o monumento: dois esteios de cada lado, e um no topo, estando ausente o esteio que definia o perfil Oeste. Sobre um dos esteios encontra-se um fragmento de granito que corresponderá à tampa e que apresenta 145 cm de comprimento e 83 cm de largura. O esteio que define o perfil Este encontra-se adossado ao que parece ser o afloramento.

O *tumulus* apresenta vestígios residuais, mais evidentes junto à estrutura pétreo, num total de 640 cm conservados. A cista encontra-se nas imediações da anta Paço Branco 1, distanciando-se cerca de 40m.

Associada à Ribeira Grande, encontra-se ainda a anta Cavalos 1, monumento de pequena dimensão e sem corredor. Implantado na margem direita da ribeira, conserva, *in situ*, 6 esteios em granito, os quais definem a câmara, que apresenta cerca de 270 diâmetro longitudinal e 180 cm diâmetro transversal.

Da estrutura tumular conservam-se vestígios residuais, localizados junto aos esteios. O lugar do esteio de cabeceira é actualmente ocupado por uma oliveira, não restando vestígios da tampa do monumento. O monumento encontra-se implantado numa zona dominada por afloramentos de xisto, encontrando-se numa vertente, com boa visibilidade sobre a Ribeira Grande.

5. Enquadramento arqueológico. Um ponto de situação

5.1 Megalitismo não funerário

Até ao início da Carta Arqueológica de Avis não eram conhecidas, para a área em estudo, referências a monumentos megalíticos não funerários. Este vazio poderia resultar da falta de trabalhos orientados para a identificação deste tipo de monumentos ou simplesmente reflectir a sua ausência.

Até ao momento foram identificadas duas ocorrências integráveis nesta categoria, as quais constituem os

²¹ *Idem*, 1959.

²² *Idem*, 1959, n.º 50.

primeiros indícios da existência de realidades desta natureza no concelho de Avis.

O primeiro registo efectuado, Cavalos 2, corresponde a um possível menir isolado, de pequena dimensão, em granito, localizado no limite de uma mancha granítica. Este exemplar encontra-se tombado e coberto por alguma vegetação, pelo que a sua classificação ainda suscita algumas dúvidas.

A segunda ocorrência está associada a um monólito em granito de pequena dimensão, designado por Vale de Grou. Apresenta uma altura de cerca de 112 cm, largura máxima de 66 cm e espessura média de 52 cm não evidenciando qualquer marca ou decoração.

Trata-se de um elemento isolado e descontextualizado, recolhido nas imediações do local onde actualmente se encontra e colocado na entrada da propriedade, juntamente com um outro exemplar, também de pequena dimensão e que terá sido recolhido, de acordo com informação oral, no concelho de Alter do Chão

O primeiro caso registado localiza-se a cerca de 200m Noroeste da anta de Cavalos 1. Já para o menir de Vale de Grou, os monumentos megalíticos mais próximos localizam-se a cerca de 1Km e correspondem às antas Cumeada 1 e Goiã 1, esta última localizada na margem oposta da Ribeira Grande.

5.2 Contextos habitacionais

A um número tão elevado de monumentos de cariz funerário deveria corresponder um número significativo de espaços de habitat. Porém, os locais de ocupação

coevos são pouco numerosos e imprecisos, sobretudo no que diz respeito à sua tipologia e integração cronológica.

No início do projecto não se conheciam referências a contextos habitacionais pré-históricos para o concelho de Avis. Os escassos vestígios conhecidos, associados ao espólio do Museu Municipal de Avis e da Fundação Arquivo Paes Teles, resultavam de recolhas ocasionais, revelando-se vagos relativamente à sua proveniência, facto que dificultava a sua associação a manchas ocupacionais.

Os trabalhos realizados no âmbito da Carta Arqueológica permitiriam reunir um conjunto inédito de indícios de ocupação pré-histórica, os quais poderão constituir elementos fundamentais no estudo deste período. Os vestígios registados correspondem, na sua quase totalidade, a achados isolados ou dispersos, associados sobretudo a utensílios líticos de pedra polida, elementos de mó ou cerâmicas de produção manual.

As características dos achados efectuados não possibilitaram, até ao momento, esclarecer se estes materiais são testemunhos efectivos da presença de um espaço habitacional, dificultando simultaneamente a definição mais rigorosa da sua integração cronológica.

A maioria destas evidências ocorre na área de influência de monumentos ou núcleos megalíticos. A única excepção registada ocorre na extremidade ocidental do concelho, mais precisamente na zona de Aldeia Velha, onde não foram identificados, até ao momento, indícios da presença pré-histórica para além dos monumentos megalíticos.

QUADRO 2

Síntese dos contextos habitacionais e achados isolados identificados no decurso da Carta Arqueológica de Avis

<i>Designação</i>	<i>CAMP</i>	<i>CMP</i>	<i>Tipo</i>	
Ladeira	01/2005	382	Povoado/villa	Conhecida desde o início do século XX, a Ladeira constitui um dos sítios arqueológicos mais relevantes do concelho de Avis, facto confirmado em 2005 no decurso dos primeiros trabalhos da Carta Arqueológica de Avis. As prospeções comprovaram a presença romana, visível através de um conjunto diversificado de materiais, dispersos por uma vasta área, e identificar uma fase de ocupação atribuível ao Neolítico Final / Calcolítico. Os resultados então obtidos constituíram a génese do projecto de investigação <i>Intervenção Arqueológica no Sítio da Ladeira, Ervedal</i> , promovido pelo Município de Avis e iniciado em 2006. ²³
Areias 1	01/2005	382	Povoado	Os indícios da ocupação pré-histórica, associada a um conjunto de materiais recolhidos na década de 70 pelo GTAE, foram confirmados no decurso da Carta Arqueológica.
Provença 1	01/2005	382	Achado disperso	A recolha de materiais pré-históricos pelo GTAE no local não foi confirmada no decurso da Carta Arqueológica. Estas recolhas, conhecidas através de informação oral, integram cerâmicas de produção manual, elementos de mó e percutores. Os materiais identificados recentemente são escassos e suscitam dúvidas relativamente à sua integração cronológica.
Entre Águas 1	01/2005	382	Achado isolado	Recolha de 1 utensílio em pedra polida – enxó. Trata-se de um achado isolado associado a um sítio com ocupação de período romano.
Monte Ruivo 1	01/2005	395	Achado isolado	Recolha de 1 recipiente em cerâmica manual e três elementos de mó manual em granito (dormente)
Louriga	01/2005	382	Achado isolado	Recolha de 1 fragmento de recipiente em cerâmica manual
Santa Luzia	01/2005	382	Achado isolado	Recolha de 1 utensílio em pedra polida – enxó. Trata-se de um achado isolado associado a um sítio com ocupação atribuível aos períodos medieval/moderno.
Goiã 3	01/2005	369	Achado isolado	Recolha de 2 utensílios em pedra polida – cunhas
Charrão	01/2005	397	Achado isolado	Recolha de 1 utensílio em pedra polida – enxó
Barranco do Inferno	01/2005	395	Achado isolado	Recolha de 1 fragmento de cerâmica manual
Rabaça 1	03/2011	396	Achado isolado	Recolha de 1 utensílio em pedra polida – enxó
Boavista 1	03/2011	383	Achado isolado	Recolha de 2 fragmentos de cerâmica manual
Torre de Ervedal 10	03/2011	382	Achado disperso	Recolha de fragmentos diversos de cerâmica de produção manual e utensílios líticos
Vale Bom 1	04/2012	369	Achado isolado	Recolha de 2 elementos de mó manual (dormente) em granito
Alto da Cunha	04/2012	382	Achado isolado	Recolha de 2 lascas em quartzito, uma das quais suscita dúvidas quanto à sua caracterização
Horta de Frei Henrique	04/2012	382	Achado disperso	Recolha de 1 elemento de mó manual – movente – e um fragmento utensílio em pedra polida – machado(?)

²³ RIBEIRO, 2010.

Ao nível das estratégias de implantação, os locais registados detêm uma certa heterogeneidade:

- vestígios localizados em áreas de topo, mais ou menos destacadas na paisagem, com visibilidade sobre a envolvente: Ladeira, Monte Ruivo 1, Louriga, Santa Luzia, Barranco do Inferno, Rabaça 1 e Horta de Frei Henrique;
- vestígios localizados em áreas onde predominam afloramentos rochosos de granitos: Charrão, Boavista 1, Torre de Ervedal 10;
- vestígios localizados em áreas mais ou menos abertas, com fraca defensabilidade natural: Areias 1, Provença 1, Entre Águas 1, Goiã 3, Vale Bom 1 e Alto da Cunha.

Das várias ocorrências registadas destaca-se a Ladeira, a qual constitui, no actual quadro de referência, um local de referência para o estudo das diferentes fases de ocupação aí documentadas, uma associada ao Neolítico Final / Calcolítico e uma outra, mais recente e já conhecida, referente ao período romano²⁴.

5.3 Arte rupestre

Nos diversos trabalhos realizados sobre o megalitismo do concelho de Avis verificou-se que não existem referências a manifestações de arte rupestre. Este panorama tem vindo a ser progressivamente alterado na sequência dos trabalhos da Carta Arqueológica de Avis, os quais têm possibilitado a identificação de várias rochas gravadas.

As ocorrências registadas encontram-se associadas exclusivamente a covinhas. A maioria dos motivos surge em contextos funerários, quer directamente sobre os monumentos megalíticos, quer em afloramentos ou blocos localizados na sua envolvente imediata. Apesar deste claro predomínio, verifica-se um aumento considerável do número rochas gravadas relacionadas com contextos não funerários.

A quase totalidade das rochas inventariadas, mesmo as que se encontram nos monumentos megalíticos publicados, encontrava-se inédita²⁵.

De uma forma geral, e tendo em consideração a amostra actualmente disponível, as covinhas surgem distribuídas de acordo com os seguintes contextos:

a) Funerário:

- Os motivos surgem associados directamente aos monumentos megalíticos, encontrando-se geralmente gravados na tampa ou nos esteios;
- Os motivos surgem em afloramentos ou blocos localizados nas imediações dos monumentos megalíticos em pontos estratégicos e/ou destacados na paisagem.

b) Não funerário:

- Os motivos encontram-se gravados em afloramentos ou blocos localizados em locais estratégicos e/ou destacados na paisagem: linhas de águas, zonas de passagem, zonas com visibilidade. Nas imediações destes locais podem ainda ocorrer vestígios de ocupação pré-histórica, associada a contextos habitacionais. Até ao momento não foram identificadas covinhas directamente relacionadas com as áreas dos povoados.

Ao nível do contexto funerário, da totalidade de monumentos registados ao longo do projecto, 12 evidenciam motivos, isolados ou agrupados, gravados, na sua maioria na tampa, verificando-se apenas 3 casos – Coutada, Enxara 1 e Rui Vaz 3 – em que as covinhas se encontram num dos esteios da câmara.

Das realidades identificadas destacam-se, pelo elevado número de covinhas em associação, os painéis gravados nas antas Enxara 3, Cumeada 1, Ordem 5, Goiã 1 e Rui Vaz 3. Neste último caso, as covinhas surgem gravadas no esteio lateral, junto à entrada da câmara, em painel vertical sobre suporte de xisto.

Na envolvente a monumentos megalíticos foram registadas duas ocorrências. A Pedra de Ferro, associada ao conjunto megalítico da Enxara, corresponde a um afloramento de grande dimensão, destacado na paisagem, no qual foi gravado um conjunto de covinhas concentradas no topo da rocha, definindo um painel horizontal.

O outro local, Penedo da Moura 3, corresponde a um achado isolado, gravado sobre um bloco de granito integrado numa área de elevada concentração de afloramentos desta natureza. Esta covinha encontra-se na envolvente da Anta do Penedo da Moura²⁶.

Num contexto não funerário registam-se os sítios Monte da Horta 1 e Torre de Ervedal 7. O primeiro corresponde a um bloco de granito, localizado junto a uma linha de água, que apresenta, na superfície horizontal, um conjunto de motivos gravados.

O segundo local, localizado na margem direita da Ribeira Grande, corresponde a um afloramento destacado na paisagem. Embora se encontre nas imediações de alguns monumentos megalíticos, onde se incluem o conjunto da Torre de Ervedal²⁷ e a Anta de Cágados²⁸, a sua relação com contextos habitacionais pré-históricos parece ser inequívoca: na margem oposta encontra-se o povoado da Ladeira, e um pouco mais afastado, o povoado Areias 1.

Na última campanha da Carta Arqueológica foram identificados, junto a este afloramento, vestígios pré-históricos, correspondentes ao sítio Torre de Ervedal 10, cuja tipologia e cronologia ainda não foi possível de

²⁴ *Idem*, 2010.

²⁵ A única referência conhecida corresponde à anta Ordem 5 (CNS 2065), cujo painel é referido no levantamento realizado no âmbito do projecto *Megalitismo e Povoamento de Pavia (1993-1997)*.

²⁶ VASCONCELOS, 1912, p. 286; LEISNER 1959, 31.

²⁷ LEISNER, 1959.

²⁸ O monumento (CNS 10944) foi identificado no decurso do projecto *Relocalização, identificação e inspecção de Sítios pela Extensão do IPA – Crato*.

aferir com segurança, mas que se encontram claramente associados a uma mancha de ocupação.

O conjunto de rochas gravadas corresponde, de acordo com os elementos reunidos até ao momento, exclusivamente a covinhas, as quais surgem isoladas ou agrupadas. Os grupos identificados revelam, na sua generalidade, uma certa homogeneidade relativamente ao diâmetro e profundidade dos motivos gravados. No entanto, verifica-se, por exemplo no conjunto associado à Anta da Coutada, uma diferenciação significativa e intencional entre as covinhas gravadas num dos esteios.

Independentemente da sua implantação, as covinhas têm como ponto em comum a proximidade a linhas de água.

A relação das covinhas com os restantes contextos arqueológicos pré-históricos registados poderá indiciar a contemporaneidade entre estas realidades, verificando-se a sua permanência em períodos mais recentes. Se a cronologia das covinhas não é totalmente clara, a sua funcionalidade é ainda mais difícil de determinar.

QUADRO 3

Síntese das rochas com covinhas identificadas no decurso da Carta Arqueológica de Avis

<i>Designação</i>	<i>CAMP</i>	<i>CMF</i>	<i>Tipo</i>	<i>Suporte</i>	<i>Contexto Arqueológico</i>	<i>Sítio correlacionável</i>	<i>Localização</i>
Torre de Ervedal 3 (Olival da Anta)	01/2005	382	Painel com covinhas	Granito	Funerário	Anta Torre de Ervedal 3	Superfície externa da tampa
Torre de Ervedal 4	01/2005	382	Covinha isolada	Granito	Funerário	Anta Torre de Ervedal 4	Superfície externa da tampa
Coutada (Val d'Anta)	01/2005	382	Painel com covinhas	Granito	Funerário	Anta Coutada	Esteio da câmara
Enxara 1	01/2005	369	Covinha isolada	Granito	Funerário	Anta Enxara 1	Esteio da câmara
Enxara 3	01/2005	369	Painel com covinhas	Granito	Funerário	Anta Enxara 3	Superfície externa da tampa
Goiã 1	01/2005	369	Painel com covinhas	Granito	Funerário	Anta Goiã 1	Superfície externa da tampa
Cumeada 1	01/2005	369	Painel com covinhas	Granito	Funerário	Anta Cumeada 1	Superfície externa da tampa
Ordem 1	01/2005	409	Covinha isolada	Granito	Funerário	Anta Ordem 1	Superfície externa da tampa
Ordem 5	01/2005	409	Painel com covinhas	Granito	Funerário	Anta Ordem 5	Superfície externa da tampa
Figueirinha 2	03/2011	409	Covinha isolada	Granito	Funerário	Anta Figueirinha 2	Superfície externa da tampa
Rui Vaz 2	04/2012	382	Painel com covinhas	Xisto	Funerário	Anta Rui Vaz 2	Superfície externa da tampa
Rui Vaz 3	04/2012	382	Painel com covinhas	Xisto	Funerário	Anta Rui Vaz 3	Esteio da câmara
Torre de Ervedal 7	01/2005	382	Painel com covinhas	Granito	Habitacional	Povoados da Ladeira e Areias 1	Afloramento destacado na paisagem
Monte da Horta 1	01/2005	382	Painel com covinhas	Granito	Indeterminado	Indeterminado	Afloramento
Pedra do Ferro	01/2005	369	Painel com covinhas	Granito	Indeterminado	Necrópole megalítica da Enxara	Afloramento destacado na paisagem
Penedo da Moura 3	02/2007	382	Covinha isolada	Granito	Indeterminado	Anta do Penedo da Moura	Bloco
Boavista 1	03/2011	383	Covinha (?) isolada	Granito	Habitacional (?)	Indeterminado	Afloramento

6. Algumas considerações finais

Os resultados apresentados, não obstante o seu carácter preliminar, têm contribuído para a alteração da visão do megalitismo no concelho de Avis, orientando estratégias específicas de identificação de novas realidades, as quais têm permitido preencher lacunas ao nível da detecção e análise, desenhando, simultaneamente, possíveis padrões

de implantação, os quais têm vindo a ser aferidos em campo.

Apesar de não serem totalmente conclusivos, os trabalhos realizados possibilitaram um primeiro contacto com o fenómeno megalítico na área em estudo, ultrapassando a

visão definida pelos anteriores trabalhos e ampliando o quadro actual de conhecimento.

A heterogeneidade do conjunto megalítico do concelho de Avis é confirmada e pelos mais recentes trabalhos associados à Carta Arqueológica.

Os monumentos revelam uma diversidade relativa ao nível arquitectónico, persistindo o claro predomínio dos exemplares de grande dimensão, mas verificando-se que os monumentos de dimensão média e reduzida ganham progressivamente uma nova representatividade.

A existência de padrões arquitectónicos poderá constituir um indício de uma construção contemporânea. No entanto, a ausência de conjuntos artefactuais impossibilita, para a maioria dos casos registados, definir, com maior rigor, a diacronia de utilização destes espaços.

A concentração de monumentos megalíticos em algumas áreas do concelho, nomeadamente nas imediações das manchas de granitos tem vindo a atenuar-se à medida que vão sendo identificados novos exemplares, isolados ou agrupados em necrópoles, em áreas onde eram escassas ou inexistentes os vestígios de megalitismo. Ainda assim, verifica-se o predomínio dos monumentos construídos em granito e, consequentemente, uma preferência pelas zonas envolventes aos afloramentos graníticos.

Os trabalhos realizados têm vindo a demonstrar que ao nível da implantação dos monumentos existe uma diversidade na sua integração na paisagem.

A selecção do local de implantação decorre da articulação de factores de natureza diversa, onde a proximidade aos cursos de água constitui o elemento dominante. De facto, as ribeiras Grande e de Seda desempenham um papel determinante na distribuição destas realidades, não só ao longo das suas margens, mas também nos cursos de água subsidiários.

Independentemente da localização dos monumentos, no topo, em vertente ou em zona baixa, verifica-se uma clara preferência por pontos de referência na paisagem, situação que lhes conferia um boa visibilidade tornando-os um importante ponto de destaque na paisagem.

A proximidade a fontes de matéria-prima empregue na construção das antas parece ser também um elemento a considerar na escolha do local de implantação.

Com efeito, é cada vez mais evidente, não obstante a ausência de estudos detalhados nesse sentido, a associação dos monumentos com a geologia envolvente. Esse facto encontrava-se confirmado para os exemplares em granito, mas os trabalhos realizados recentemente demonstraram que este facto se estende também para os monumentos em xisto.

A relação dos monumentos megalíticos e os contextos habitacionais é ainda difícil de estabelecer, mas certamente constituirá um factor a considerar ao nível da implantação.

A natureza da maioria dos dados registados encontra-se ainda mal definida. As evidências inequívocas de povoados são escassas para constituírem a base de um modelo de ocupação do território. Porém, de uma análise preliminar dos elementos já reunidos é possível verificar que os locais, potencialmente relacionados com contextos habitacionais, surgem associados à mesma área que os monumentos megalíticos, encontrando-se implantados na proximidade.

As dificuldades em estabelecer uma relação espacial estendem-se aos restantes sítios pré-históricos registados, embora seja evidente uma proximidade territorial.

A fraca representatividade de menires impossibilita, neste momento, qualquer leitura. Já no que diz respeito às covinhas, a indefinição relativamente à funcionalidade e cronologia das covinhas constitui um obstáculo à sua interpretação e consequentemente à sua correlação com os sítios eventualmente coevos.

Os resultados obtidos são reveladores do potencial arqueológico da região, constituindo um forte motivo para a continuação do projecto. O desenvolvimento de novos trabalhos permitirá aprofundar o conhecimento do território e das suas especificidades, abrindo novas possibilidades para o estudo da ocupação do território durante a Pré-História Recente, em particular do megalitismo da região.

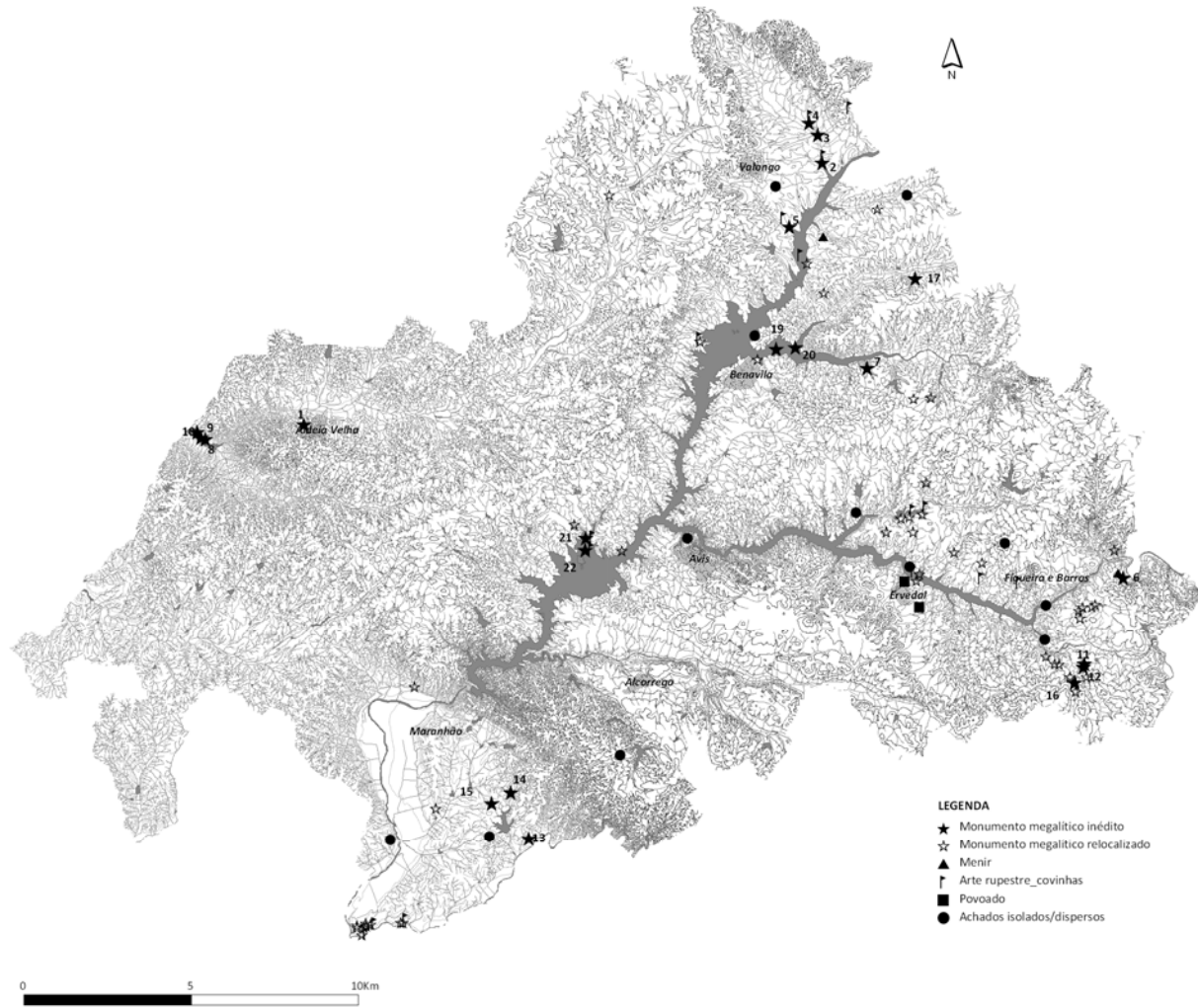


Figura 1 - Carta Arqueológica de Avis. Mapa de distribuição de sítios arqueológicos: Pré-História Recente



Figura 2 – Terrosa 2



Figura 3 - Monte Ruivo 3



Figura 4 - Retorta 2



Figura 5 – Rui Vaz 2 (primeiro plano) e Rui Vaz 3 (segundo plano)



Figura 6 - Rui Vaz 3



Figura 7 – Vale de Grou



Figura 8 – Paineil com covinhas. Anta Enxara 3

7. Bibliografia

- AAVV, 2009, *Notícia Explicativa da folha 32-C da Carta Geológica de Portugal, escala 1:50 000*, Laboratório Nacional de Engenharia e Geologia.
- CORREIA, Vergílio, 1921, *El Neolítico de Pavia (Alentejo-Portugal)*, Madrid, Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- LEISNER, Georg e LEISNER, Vera, 1959, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel der Westen*, Berlin.
- RIBEIRO, Ana, 2008, “Uma primeira leitura da *Carta Arqueológica de Avis*”, in *Al-madan*, edição on-line, n.º 16.
- Idem*, 2010, “Novos elementos para o estudo do sítio da Ladeira, Ervedal. Resultados preliminares da primeira fase do projecto de investigação”, in *Vialibus*, Revista da Fundação Arquivo Paes Teles, n.º 2, p.35-64.
- ROCHA, Leonor, 1999, *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*, Câmara Municipal de Mora.
- SILVA, M. de Matos, 1895, “Notícia das antiguidades prehistóricas do concelho de Avis. Anta Grande da Ordem”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1, p. 120-125.
- Idem*, 1895a, “Notícia das antiguidades prehistóricas do concelho de Avis. Anta da herdade da Capella”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1, p. 214-216.
- Idem*, 1896, “Notícia das antiguidades prehistóricas do concelho de Avis. Anta da herdade do Assobiador”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 2, p. 239-240.
- VASCONCELOS, José Leite de, 1912, “Pelo Alentejo. Arqueologia e Etnografia”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, vol. XVII, p. 284-289.
- Idem*, 1914, “Crónica. Excursão alentejana”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 19, p.386-398.
- Idem*, 1916, “Entre o Tejo e o Odiana”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 21, p. 152-168.
- Idem*, 1916a, “Notas epigráficas”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 21, p. 317-319.
- idem*, 1918, “Coisas Velhas”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 23, p. 356-369.
- Idem*, 1991, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, INCM, vol. III.
- Legado de José Leite de Vasconcelos. Apontamentos d'Arqueólogo Português (José Leite de Vasconcelos)*, Museu Nacional de Arqueologia.
- Diário do Grupo de Trabalho e Acção Cultural Ervedalense – Secção de Aqueologia, 1976*, Espólio Documental da Fundação Arquivo Paes Teles.
- Inventário da Colecção de Materiais Arqueológicos da Fundação Arquivo Paes Teles.*

7.1 Fontes documentais

- Legado de José Leite de Vasconcelos. António Paes da Silva Marques*, Museu Nacional de Arqueologia.
- Legado de José Leite de Vasconcelos. Manuel Rodrigues de Matos Silva*, Museu Nacional de Arqueologia.
- Legado de José Leite de Vasconcelos. Informações e achados por proveniência*, Museu Nacional de Arqueologia.
- Legado de José Leite de Vasconcelos. Apontamentos Arqueológicos (José Leite de Vasconcelos)*, Museu Nacional de Arqueologia.
- Legado de José Leite de Vasconcelos. Apontamentos vários (José Leite de Vasconcelos)*, Museu Nacional de Arqueologia.